

# Jornal da USP



CIÊNCIAS

CULTURA

ATUALIDADES

UNIVERSIDADE

INSTITUCIONAL

Busca

» Home > Artigos > [A História Econômica na USP](#)

Artigos - 29/09/2017

## A História Econômica na USP

*Everaldo Andrade é professor do Depto. de História;*

*Lincoln Secco é professor associado do Depto. de História;*

*Marisa Midori Deaecto é professora de História do Livro da ECA-USP*

Por [Redação](#) - Editorias: [Artigos](#)



Marisa Midori  
Deaecto –  
Foto: Marcos  
Santos/USP  
Imagens

O Programa de Pós-Graduação em História Econômica da Universidade de São Paulo teve sua nota rebaixada e o doutorado, descredenciado pelos próximos três anos.

Outros programas de pós-graduação de excelência da Universidade de São Paulo receberam nota baixa pela Capes, a exemplo do Prolam, que é interdisciplinar e atende a alunos de vários países da América Latina, e cursos modelares da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas. Será casual que esse núcleo marcado pela tradição crítica e resistência intelectual no Brasil tenha sido rebaixado, em avaliações que



Lincoln Secco –  
Foto: Arquivo  
pessoal

desconsideraram, até mesmo, o fato de alguns programas serem únicos em todo o País?

A avaliação meramente quantitativa não reflete a qualidade de nossos cursos. Quem em sã consciência diria que a História Econômica, na principal universidade do País, é a pior entre todos os programas avaliados? O corpo docente é reconhecido pela excelência de suas pesquisas, publicações em revistas acadêmicas nacionais e internacionais, livros premiados, reeditados e traduzidos no exterior. Além disso, tem enorme incidência no debate público. Quem pode mensurar esse complexo, no qual pesquisa, ensino e extensão compõem o DNA da atividade uspiana?



Everaldo de  
Oliveira  
Andrade –  
Foto: História-  
FFLCH

O corpo discente se caracteriza pela seriedade em suas pesquisas e, muitas vezes, sem qualquer auxílio financeiro tem produzido dissertações e teses de reconhecida importância acadêmica. Alunos egressos do programa exercem liderança em grupos de pesquisas e em universidades de todas as regiões do Brasil e no exterior.

“

**A avaliação meramente quantitativa não reflete a qualidade de nossos cursos. Quem em sã consciência diria que a História Econômica, na principal universidade do País, é a pior entre todos os programas avaliados? O corpo docente é reconhecido pela excelência de suas pesquisas, publicações em revistas acadêmicas nacionais e internacionais, livros premiados, reeditados e traduzidos no exterior. Além disso, tem enorme incidência no debate público. Quem pode mensurar esse complexo, no qual pesquisa, ensino e extensão compõem o DNA da atividade uspiana?**

O Programa de História Econômica é um dos primeiros do País e o único em sua área de concentração. Sendo assim, seria o caso de se perguntar sobre a validade dos parâmetros empregados para compará-lo com outros cursos, realizados em contextos e realidades sociais e institucionais tão díspares nesse país de dimensões continentais? Antes de sua criação, a USP já formava

doutores na área. Isso desde 1942, quando reconheceu os títulos de Eurípedes Simões de Paula e Alice Piffer Canabrava.

Nossos antigos docentes, na esteira de Fernand Braudel, professor da Cátedra de História das Civilizações, e de Caio Prado Junior, aluno da primeira turma de História e Geografia, inauguraram uma tradição que se desdobrou num programa vocacionado ao estudo da História em suas múltiplas dimensões a partir do ângulo da produção material.

As linhas de pesquisa resultam de uma postura teórica que privilegia a Demografia, a Cultura, a Sociedade, as Políticas Públicas, as Associações Empresariais, o Movimento Sindical... o momento estrutural e a longa duração, a qual, evidentemente, não se confunde com um recorte temporal maior ou menor.

Certamente a História Econômica ambiciona reconstituir a inatingível totalidade da vida humana a partir de problemas econômicos. Mas eles são um meio e não o fim, que continua sendo a reconstituição de todas as esferas de existência, como nos ensinou Fernando Novais. Isso não impediu jamais o programa de abrigar outras vertentes teóricas e ter uma produção plural que contempla a participação de economistas, filósofos, sociólogos e historiadores da ciência.

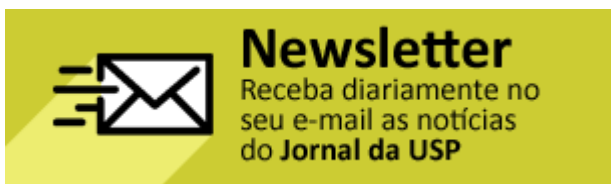
Foi no Programa de História Econômica da Universidade de São Paulo que Edgard Carone construiu sua monumental obra sobre a história da República, unindo as economias, instituições, classes sociais e a evolução política. Atividade de pesquisa, cumpre assinalar, que se desdobrava em intervenções políticas e na formação de docentes que viriam a atuar em universidades públicas e particulares de todo o Brasil. Exemplo que pode ser reproduzido no amplo quadro de professores que atuaram e ainda atuam neste mesmo programa.

O quantitativismo da Capes e outras agências repercute uma concepção de Estado empresarial guiado pelas metas de eficiência privada incompatíveis com a pesquisa científica. Por elas *Andrew Wiles jamais teria demonstrado o teorema de Fermat*. A ideia de distribuir recursos e bolsas de pesquisa mediante a concorrência entre pequenas unidades de pós-graduação

corresponde aos objetivos normativos da escola neoliberal da *Public Choice*.

Isso não depõe contra a seriedade dos avaliadores da área de História. Nem nos isenta da correção das omissões de registro de nossa produção intelectual. Criticar o quantitativismo não deve servir para louvar a incúria técnico-administrativa e a ausência de parâmetros mínimos de avaliação. Todavia, na lógica do Estado empresarial, vai chegar o momento em que a História (e não só ela) estará em concorrência com outras disciplinas de maior “valor de mercado”.

A indiferença diante dessa lógica perversa não deveria ser a atitude de alguns historiadores. Mas a História continua. Diante deles, vale o conselho de Virgílio a Dante: “Olha e passa”.



## Acontece na USP

Hoje

Próximos eventos

15/01/2018

**Curso de Verão Genética está com inscrições abertas**

15/01/2018

**Instituto de Física organiza o 15º Encontro USP – Escola**

16/01/2018

**USP promove curso de imersão na Floresta Amazônica**

16/01/2018